

---

**HEBECHE, LUIZ A. A FILOSOFIA *SUB SPECIE GRAMMATICAE*: CURSO SOBRE WITTGENSTEIN. FLORIANÓPOLIS: EDITORA DA UFSC, 2016. ISBN: 978-85-32-80769-4. 334 P.**

Lauro de Matos Nunes Filho

Resenhar um livro como a *A filosofia sub specie grammaticae: Curso sobre Wittgenstein* (2016) de Luiz Alberto Hebeche<sup>1</sup> não é uma tarefa simples, pois a leitura desse livro exige uma atenção muito grande quanto ao que pertence a Hebeche e o que pertence a Ludwig Wittgenstein. Esta obra busca fazer parte de um seleto número de livros que contemplam a filosofia de Wittgenstein não apenas de maneira ampla, minuciosa e crítica, mas que buscam ultrapassá-la sobre certos aspectos. Esta obra, como diz o próprio Hebeche, busca oferecer um curso completo acerca da filosofia de Wittgenstein, completando-a em uma nova direção denominada “filosofia *sub specie grammaticae*”, concebida como um projeto de desantropologização da gramática. Neste ínterim, a discussão se pautará na crítica ao uso de contextos na explicação da noção de significado como uso.

O que veremos ao longo deste curso, portanto, é um desdobramento de temas que são bastante comuns ao cenário wittgensteiniano: significado como uso, nomes próprios, seguir regras, semelhanças de família, etc. No entanto, consideramos o tratamento desses temas como um ensarilhar as armas para o principal que é a passagem da filosofia *sub specie humanitatis* para a filosofia *sub specie grammaticae*, isto é, procederemos à eliminação completa da noção de contexto, o que nos levará a uma desantropologização da gramática e, só assim, afastaremos os últimos resquícios de metafísica. Corrigiremos, então, erros que ainda se encontram na obra de Wittgenstein e que, por isso mesmo, se estenderam para todos os seus discípulos e comentadores. (2016, p. 17)

Já antecipo que o livro, de fato, cumpre seus intentos: oferecer um curso geral e detido da filosofia de Wittgenstein, centrado-se principalmente nas IF, para extrair daí novas e não observadas consequências da filosofia wittgensteiniana.

O livro, se desconsideradas a introdução e as considerações finais, está dividido em dez capítulos e vinte e duas subseções que buscam dar um aporte geral da filosofia

<sup>1</sup> Agradeço ao autor, com quem pude discutir diversos pontos de seu texto.

de Wittgenstein, encerrados por um último e longo capítulo chamado “A filosofia *sub specie grammaticae*” que dá título ao livro.

A escrita de Hebeche é agradável e, por diversas vezes, atinge um tom literário que deixa a leitura mais fluída e suave. O grande número de exemplos também auxilia na compreensão de passagens mais complexas. Contudo, a leitura de Hebeche não é ortodoxa e almeja consequências nem um pouco convencionais.

O que deve ficar claro é que o livro trata da filosofia de Wittgenstein e não da história da filosofia do autor, assim, já antecipo ao leitor interessado nos pormenores biográficos de Wittgenstein que este não é o livro a ser indicado. Porém, essa aparente deficiência possibilita a Hebeche desenvolver a obra de um ponto de vista mais temático e menos linear do que estamos acostumados a ver. O livro oferece um curso no qual conceitos-chave da filosofia de Wittgenstein são contemplados com atenção e debatidos com comentadores consagrados.

O primeiro capítulo (e o mais curto), “A concepção agostiniana da linguagem”, trata essencialmente do §1 das PU e seus desdobramentos. Nele não há nada muito novo na leitura do consagrado §1, porém, é uma análise direta e detida do problema motivador das PU e que perpassa toda a obra. Em especial, a análise do caráter ostensivo da linguagem é confrontada por meio de uma crítica da dicotomia ensinar-aprender fundada no esquema agostiniano da linguagem.

O segundo e terceiro capítulos, “Significado é uso” e “Jogos de linguagem”, tratam de conceitos consagrados e apresentam a leitura paralela de autores como Heidegger. Segundo Hebeche, podemos correlacionar facilmente o conceito de manualidade (*Zuhandlichkeit*) em Heidegger com a crítica de Wittgenstein à descaracterização da palavra como uso, pois quando teorizamos a palavra nós a retiramos de seu âmbito de doação de sentido, convertendo-a em puro objeto dado (*Vorhanden*). Hebeche também confronta a leitura de intérpretes consagrados da obra wittgensteiniana, como Baker e Hacker. Segundo Hebeche, tanto Baker quanto Hacker estão certos quanto à exclusão correta da consciência dentro da filosofia de Wittgenstein, porém erram ao preservar noções tais como a de contexto, o que contrariaria a proposta do segundo Wittgenstein de não recorrer a usos ostensivos da linguagem para definir o que seria o significado das palavras.

O quarto capítulo, “Nomes próprios”, surge como um minicurso do TLP, nele são debatidos conceitos-chave do *Tractatus* e as implicações deste. Neste capítulo é apresentada uma análise pormenorizada do conceito de “nome simples”, em especial, em Russell, Frege e no TLP. A motivação principal de Hebeche é problematizar a passagem do TLP para as IF e o “abandono da análise lógica da linguagem”.

O quinto capítulo, “Imanência do significado”, é um capítulo relativamente longo que debate o conceito de intencionalidade, onde são confrontadas as definições de intencionalidade fenomenológica e gramatical. Hebeche opera um resgate, ou melhor, sequestro de diversos conceitos fenomenológicos, em especial o de doação no contexto da noção de uso como significado. Apesar de não ser convencional a apropriação demonstra-se original e bem desenvolvida, negando a ideia de uma consciência transcendental como apresentada em Husserl, mas defendendo uma análise que se projete sobre o significado enquanto dado no momento do uso, realizando um paralelo com a noção fenomenológica de “voltar às coisas mesmas”, mas sem recorrer a conceitos como o de consciência transcendental, por exemplo.

O sexto capítulo, “Seguir regras”, é uma análise criteriosa da noção de seguir regras desenvolvida entre os §§ 185 e 189 das PU. A dificuldade está numa subseção que compara os conceitos de máquina e maquinação em Wittgenstein e Heidegger, mas nada intransponível. O que fica claro neste capítulo é a constante referência a filosofia de Heidegger, para Hebeche a crítica heideggeriana e wittgensteiniana possuem um mesmo alvo, mas pressupostos distintos. Para um “o sentido é uma doação do ser”, para o outro “ele é uma doação da gramática”.

O sétimo capítulo, “Semelhanças de família”, pode ser concebido em duas partes. A primeira poderia ter sido inserida muito antes na ordem dos capítulos, pois sua importância para a compreensão das IF é essencial, porém Hebeche realiza uma série de estudos que confrontam diferentes análises sobre o referido conceito. Aqui Hebeche debate com intérpretes consagrados como Khatchadourian, Bambrough e Pitcher, dedicando subseções específicas para cada um deles. Para Hebeche cada um dos autores acima analisa como a noção de semelhança de família soluciona (dissolve) parcialmente diferentes problemas, tais como o problema da generalidade dos nomes, do realismo de universais e do essencialismo da linguagem. Hebeche apresentará críticas parciais a cada um desses autores, pois, segundo ele, todos pressupõem noções que deveriam ser

abandonadas se seguirmos a filosofia das PU. O ponto principal de sua crítica se dirige a Pitcher que teria sido incapaz de identificar os resíduos antropológicos na filosofia de Wittgenstein. A partir deste ponto Hebeche fixa o quadro geral de sua crítica contra um possível antropologismo na filosofia de Wittgenstein.

O oitavo capítulo “A filosofia *sub specie aeternitatis*” inicia a problematização que levará até a subseção final sobre a desantropologização da gramática. Por *sub specie aeternitatis* Hebeche compreende a ideia de uma filosofia cristalizada, crente em formas essenciais, metafísicas, epistemológicas ou lógicas, sendo esta última a forma essencial que caracteriza o TLP.

O nono capítulo, “A filosofia *sub specie humanitatis*”, trata da passagem de uma postura cristalizada no TLP para uma visão mais “ordinária” da linguagem nas IF. A ideia da *humanitatis* é que a linguagem preserva uma “vagueza” e “indeterminação” inerentes e não podem ser reduzidas à lógica. Até este ponto, segundo Hebeche, toda discussão conceitual estava restrita à filosofia de Wittgenstein, porém, seguindo desenvolvimentos não previstos por Wittgenstein, Hebeche dará início a uma crítica. Esta crítica é direcionada a diferentes perspectivas antropologizantes que ainda estariam presente nas IF e que contrariariam uma plena crítica da linguagem. Neste sentido, o próprio Wittgenstein estaria imerso em ilusões gramaticais.

O décimo e mais longo capítulo, “A filosofia *sub specie grammaticae*”, desponta como o ponto de originalidade da obra, pois procura criticar a estreiteza de certas definições das IF, além de debater temas transversos como a negatividade e o essencialismo da linguagem. Hebeche também prossegue no debate com intérpretes consagrados como Le Roy Finch e Baker. Neste ponto, apesar de ser uma questão secundária, a organização do livro presta um grande desserviço à obra de Hebeche, pois aquilo que dá título ao livro a “filosofia *sub specie grammaticae*” e justifica sua originalidade é desenvolvido apenas na última seção do último capítulo intitulada “A desantropologização da Gramática”. O leitor interessado apenas na tese de Hebeche e já conhecedor do texto wittgensteiniano poderá, sem muitos prejuízos, pular diretamente para esta seção. Nesta subseção final Hebeche justifica sua opção por uma filosofia *sub specie grammaticae*, onde argumenta que Wittgenstein conserva nas IF uma filosofia da linguagem antropologizada, que submete os jogos de linguagem à dimensão do humano como um último contexto. Hebeche defenderá que não se trata de se desumanizar a

gramática, mas de evitar que essa se submeta ao humano, algo que levaria a um retorno a formas essencialistas da linguagem como na filosofia *sub specie aeternitatis*.

A desgramatização é, desse modo, uma imposição conceitual. Uma dessas formas de imposição é o antropologismo. A gramática, no entanto, não se doa ao homem, pois, ao contrário, os diversos significados de “homem” são doações da gramática. Com isso a pergunta “O que é o homem?” está inserida nas execuções da gramática. O sentido do homem está inserido no destino da gramática. (2016, p. 326)

No entanto, esta última seção, que culminaria e justificaria o título da obra, acaba dando origem a uma sensação de anticlímax, pois a seção é muito curta e deixa a impressão de que mais coisas poderiam ser ditas a respeito, principalmente acerca das implicações positivas da leitura de Hebeche ou de quais seriam as justificativas para que Wittgenstein deixasse que traços antropologizantes sobrevivessem a sua obra. Somado a isso, o leitor sentirá falta de maiores exames do conceito de forma de vida (*Lebensform*), um conceito chave para Wittgenstein e que certamente deveria ser debatido detidamente em meio a uma crítica ao agora denominado “antropologismo wittgensteiniano”.

Ao final é possível elencar alguns aspectos negativos gerais. Um primeiro aspecto é a aparente ideia de que o livro seria um curso geral sobre a filosofia de Wittgenstein. Apesar de mencionar e se pautar na extensão completa das obras de Wittgenstein, o núcleo da análise de Hebeche são as IF. Apesar de realizar uma boa apresentação do TLP, deve-se dizer que se o leitor busca uma análise pormenorizada e detida desta obra e outras que não as IF então este deve recorrer a fontes bibliográficas adicionais. Até mesmo porque as menções a outras obras de Wittgenstein estão permeadas de críticas a certas tendências interpretativas, tais como aquelas que reduzem o *Tractatus* a uma obra de lógica ou de ética. Por isso, o livro de Hebeche não oferece a isenção e a fidelidade exigidas por livros de apresentação ou exegese, consistindo em um debate mais profundo e pormenorizado do pensamento wittgensteiniano.

Além disso, a tese final, sobre um antropologismo wittgensteiniano carece de maiores desenvolvimentos e de um posicionamento mais claro acerca dos motivos que levaram Wittgenstein a deixar passar tal antropologismo. Em especial, com uma maior confrontação textual com Wittgenstein.

O livro de Hebeche oferece um curso conciso acerca da filosofia de Wittgenstein, porém, ele pode ser visto antes como uma análise da obra

wittgensteiniana do que um manual para a compreensão do autor. Certamente que diversos capítulos podem ser utilizados para esclarecer conceitos e definições, porém os mais complexos conservam uma unidade própria e não serão de fácil leitura para wittgensteinianos de primeira viagem. Contudo, o leitor se beneficiará com a acidez e pontualidade de certas críticas, cuja validade lhe caberá avaliar.

Por fim, a tese de Hebeche, de que há um antropologismo latente nas IF, é bem fundamentada e representa um desafio a ser enfrentado por aqueles interessados na obra wittgensteiniana, o seu caráter *sui generis* impede o seu negligenciamento. Assim, positiva ou negativamente, a tese da “desantropologização da gramática” representa um novo e complexo exercício para os wittgensteinianos.